
UMA ABORDAGEM NARRATIVA DA BIOÉTICA: A ÉTICA DA AUTENTICIDADE E AS TECNOLOGIAS DE APRIMORAMENTO

Mateus Stein*

Resumo:

O principal objetivo da presente apreciação é mostrar a importância da narrativa para a bioética. Para começar, em sua primeira seção, apresentaremos a maneira como a chamada ética da autenticidade configura-se como um tipo especial de abordagem narrativa da ética. Na seção subsequente introduziremos, por sua vez, a problemática envolvendo as chamadas tecnologias de aprimoramento. O motivo pelo qual optamos por abordar a problemática envolvendo as tecnologias de aprimoramento, em vez de outras questões com algum impacto proporcionalmente mais direto em nossas vidas, deve-se ao fato de essas tecnologias serem ainda pouco exploradas em bioética. Dando continuidade às seções anteriores, a terceira seção deste trabalho buscará mostrar como a ética da autenticidade relaciona-se, em certo sentido, às tecnologias de aprimoramento, bem como algumas das implicações decorrentes dessa relação. Até esse ponto, esperamos que fique claro a existência de um vínculo entre a narrativa, a ética da autenticidade e as tecnologias de aprimoramento. Ademais, a quarta seção irá explorar um pouco mais a fundo essa relação ao invocar os conceitos de autodescoberta e autocriação para indicar como e quando um indivíduo está legitimado, ou não, do ponto de vista da autenticidade, a fazer o uso de tecnologias de aprimoramento. Chegando finalmente às considerações finais da presente apreciação, refletiremos se é prudente ignorar as teorias normativas tradicionais na abordagem de questões em bioética.

Palavras-chave:

Aprimoramento; autenticidade; bioética; narrativa; tecnologias.

A NARRATIVE APPROACH OF BIOETHICS: THE ETHICS OF AUTHENTICITY AND THE ENHANCEMENT TECHNOLOGIES

Abstract:

The main purpose of this appraisal is to indicate the importance of the narrative account to the field of bioethics. Initially, we will present, in the first section, how the so-called ethics of authenticity sets up as a special kind of narrative approach to ethics. In the subsequent section we will introduce the issues involving the so-called enhancement technologies to this work. The reason we choose to address the issues involving the enhancement technologies, instead of some other issues with proportionally more direct impact on our lives, is due to the fact that these are still little explored in bioethics. Continuing the previous sections, the third section of this paper

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

aims to show how the ethics of authenticity is related, in some sense, to the enhancement technologies, and what are some of the implications of this relationship. Up to this point, we hope to make clear the existence of a link between the narrative account, the ethics of authenticity and the enhancement technologies. Moreover, the fourth section will explore a little further this relationship by invoking the concepts of self-discovery and self-creation to indicate how and when an individual is legitimate, or not, from the point of view of authenticity, in making use of enhancement technologies. Finally reaching the final considerations of this appraisal, we will reflect whether it is prudent to ignore the traditional normative theories on the approaching of issues in bioethics.

Keywords:

Authenticity; bioethics; enhancement; narrative; technologies.

Uma abordagem narrativa da bioética

Cada autor possui um estilo pessoal de escrita. Mesmo que o estilo de um autor seja influenciado por algumas formalidades próprias de certas linguagens, áreas de pesquisa acadêmica ou de escrita literária, ele optará por expor suas ideias de um modo ao mesmo tempo único e diferente do escolhido por outros autores. Além disso, se as ideias de um autor são expostas através de um estilo, então elas provavelmente também são influenciadas por esse estilo. Todavia, não podemos esperar que a originalidade e a criatividade de um autor tenham sucesso em sustentar sozinhas aquilo que ele pretende dizer para seus interlocutores. O bom autor busca expor suas ideias de um modo claro, detalhado e narrativamente coeso. Quando um texto carece dessas características, ele dificilmente será bem sucedido naquilo que se propõe a fazer.

Analogamente, as mesmas regras que garantem o sucesso de um autor ao expor suas ideias para um público específico também podem ser aplicadas às nossas vidas. A diferença é que, em nosso caso, somos os autores de nossas próprias vidas. E as nossas vidas são como folhas de caderno em branco, esperando para serem preenchidas com nossas histórias e trajetórias. Nosso estilo é o modo de vida que escolhemos viver. É o que torna a nossa existência diferente da existência dos demais e permite que vivamos vidas únicas e originais – *autênticas*. Mas se não conseguimos ver as coisas com clareza, se passamos por poucas experiências, ou se vivemos uma vida sem sentido, então é bem provável que simplesmente fiquemos com vontade de abandoná-la ou ignorá-la, tal como leitores, ao cansarem-se de um livro mal escrito.

De acordo com o médico, filósofo e bioeticista norte-americano Carl Elliott, no capítulo intitulado *Narrative, Meaning and Final Justification* (p. 121-140), no ensaio *A Philosophical Disease: Bioethics, Culture, and Identity*, a sociedade ocidental contemporânea pode ser caracterizada por uma espécie de perda de sentido da vida ou de razão para viver¹. E essa perda de sentido, segundo Elliott, pode ser decorrente de uma fragmentação daquelas estruturas que anteriormente sempre permitiram que nossas narrativas de vida permanecessem coesas. Experimentamos várias coisas, mas nada nunca consegue nos agradar durante muito tempo. E no final, se não nos desesperamos ao ponto de tomarmos alguma medida drástica em relação as nossas vidas, nos tornamos indiferentes e apáticos e passamos a ignorar o que se passa conosco e com o mundo a nossa volta. Se não conseguimos vislumbrar uma narrativa de vida com começo, meio e fim, até mesmo aquilo que em um primeiro momento nos pareceu tão especial, pode eventualmente perder o sentido para nós. A única solução aparente para esse problema é nos voltarmos para um novo paradigma de sociedade, um paradigma no qual um indivíduo consiga, uma vez mais, conduzir sua própria história através de uma narrativa clara e coesa. A questão é: como fazer isso?

Conforme Elliott, filósofos como Alasdair MacIntyre, Martha Nussbaum e Charles Taylor, tentaram oferecer soluções para esse problema². Podemos dizer que MacIntyre e Nussbaum voltaram-se para a antiguidade em busca de respostas, e encontraram na filosofia aristotélica um modelo filosófico-narrativo ideal para servir de guia as nossas vidas. Taylor, por sua vez, voltou-se para uma teoria da identidade pessoal, atrelada ao conceito de autenticidade, para sugerir e, ao mesmo tempo, analisar, o modo como podemos levar vidas mais significativas nos dias de hoje. É importante

1 *A Philosophical Disease: Bioethics, Culture and Identity* foi um livro elaborado pelo bioeticista estadunidense Carl Elliott durante a segunda metade dos anos noventa. Uma característica notável desse livro é a influência da obra de Wittgenstein tardio em suas várias seções. O capítulo introdutório de *A Philosophical Disease – Writing Morality* – tem como principal objetivo abrir espaço para o pensamento do Wittgenstein tardio na bioética através da apresentação e elucidação de alguns elementos de sua filosofia. Todavia, a influência de Wittgenstein tardio no pensamento de Elliott não será explorada neste trabalho. Buscaremos explorar essa influência em trabalhos futuros.

2 Cf. MACINTYRE, Alasdair. *After Virtue: A Study in Moral Theory*. 3 ed. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007, e *Whose Justice? Which Rationality?* Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1988; NUSSBAUM, Martha. *Love's Knowledge: Essays on Philosophy and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1990, e *The Therapy of Desire: Theory and Practice in Hellenistic Ethics*. Princeton: Princeton University Press, 1994; TAYLOR, Charles. *Modern Social Imaginaries*. Durham: Duke University Press, 2004, *A Ética da Autenticidade*. Trad. Talyta Carvalho. São Paulo: É Realizações Editora, 2011, e *As fontes do Self: a construção da identidade moderna*. 2 ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

mencionar que essa busca por soluções filosóficas para a falta de sentido da vida também pode ser entendida como uma espécie de busca por alternativas às teorias filosóficas tradicionais, especialmente as de matriz teórico normativas em ética e filosofia política (i. e.: deontologia kantiana e consequencialismo utilitarista).

Elliott também sugere que os bioeticistas devem estar atentos para essas questões, caso desejem escrever textos que realmente façam as pessoas refletirem acerca dos dilemas éticos que caracterizam o dia a dia do profissional da área da saúde. Histórias pobres em detalhes, inautênticas ou pouco coesas, pouco têm a nos dizer sobre as vidas das pessoas. O modo de se expressar um problema diz muito a respeito da capacidade do um autor de lidar com um assunto. Quanto mais pobres em detalhes forem as histórias de um autor, proporcionalmente mais inadequadas serão as soluções apresentadas pelo mesmo em áreas como a bioética.

O principal objetivo da presente apreciação é mostrar a importância da *narrativa* para a *bioética*. Para começar, em sua primeira seção, apresentaremos a maneira como a chamada *ética da autenticidade* configura-se como um tipo especial de abordagem narrativa da ética. Na seção subsequente introduziremos, por sua vez, a problemática envolvendo as chamadas *tecnologias de aprimoramento*. O motivo pelo qual optamos por abordar a problemática envolvendo as tecnologias de aprimoramento, em vez de outras questões com algum impacto proporcionalmente mais direto em nossas vidas, deve-se ao fato de essas tecnologias serem ainda pouco exploradas em bioética. Dando continuidade às seções anteriores, a terceira seção deste trabalho buscará mostrar como a ética da autenticidade relaciona-se, em certo sentido, às tecnologias de aprimoramento, bem como algumas das implicações decorrentes dessa relação. Até esse ponto, esperamos que fique claro a existência de um vínculo entre a narrativa, a ética da autenticidade e as tecnologias de aprimoramento. Ademais, a quarta seção irá explorar um pouco mais a fundo essa relação ao invocar os conceitos de *autodescoberta* e *autocriação* para indicar como e quando um indivíduo está legitimado, ou não, do ponto de vista da *autenticidade*, a fazer o uso de tecnologias de aprimoramento. Chegando finalmente às *Considerações Finais* da presente apreciação, refletiremos se é prudente ignorar as teorias normativas tradicionais na abordagem de problemas em bioética.

A ética da autenticidade

Inúmeras teorias e noções filosóficas tradicionais foram sistematicamente colocadas à prova nos últimos anos. Desde o final do século XVIII até os dias atuais, pensadores de diferentes correntes filosóficas buscaram demonstrar que a maioria das teorias e noções filosóficas tradicionais utilizadas para defender, digamos, qual é a melhor coisa a se fazer em uma situação específica estão equivocadas, não correspondem à realidade ou são impraticáveis por pessoas normais. Todavia, não pretendemos apresentar cada uma das críticas lançadas às teorias ou noções filosóficas tradicionais em áreas como a ética³.

Nos ensaios *As fontes do Self* e *A Ética da Autenticidade*, o filósofo canadense Charles Taylor argumenta que uma abordagem apropriada da ética deve considerar a existência de padrões epocais de bem que desempenham o papel de orientar as pessoas no seu dia a dia. No romantismo, por exemplo, a ideia de auto-expressão criativa foi um desses padrões, tendo essa chegado até nós como o conceito de autenticidade. Consideramos nossa vida valiosa por nos aproximarmos mais ou menos desse ideal. Esses padrões epocais de bem conferem sentido para a vida das pessoas, de modo que uma abordagem da ética não se resume (tal como pressupõe o utilitarismo, por exemplo) a um cálculo pela maximização da felicidade, mas envolve, como um ponto crucial, aquilo que faz as nossas vidas serem significativas. Esse sentido é definido pela aproximação do ideal de autenticidade, em sentido narrativo (o “eu” olhando para dentro de si mesmo e buscando entender qual é seu papel no mundo). De acordo com Taylor, podemos afirmar que nossas vidas são conduzidas pela sensação de estarmos

3 Cabe lembrar quem são alguns dos principais articuladores de críticas às teorias e noções filosóficas tradicionais em ética que se preocupam ou se preocuparam com o papel da autenticidade em nossas vidas: Jean-Jacques Rousseau, Johann Gottfried Herder e praticamente todos os filósofos do romantismo alemão, entre os séculos XVIII e XIX, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, na primeira metade do século XX, e contemporaneamente, Charles Taylor, Charles Guignon e Carl Elliott, entre outros. Apesar desses pensadores terem contribuído para o desenvolvimento desse assunto cada um de sua própria maneira, o que, por sua vez, exploraremos de maneira mais aprofundada no futuro, nos contentaremos aqui com as contribuições do filósofo canadense Charles Taylor em *A Ética da Autenticidade*. Devemos essa escolha ao fato de Taylor ter reavivado esse assunto recentemente, e ser um dos únicos, dentre todos os autores mencionados, que redigiu um livro inteiro para tratar de tal. O filósofo norte-americano Charles Guignon também dedicou um livro para abordar esse assunto. No entanto, ele parte do conceito de autenticidade explorado anteriormente por Taylor para analisar a importância da autenticidade na vida das pessoas. Cf. GUIGNON, Charles. *On Being Authentic*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

vivendo “alguma ação ou modo de vida, ou modo de sentir” superior aos das outras pessoas. O mesmo pode ser dito em relação aos ideais nos quais acreditamos ou no modo como guiamos nossa vida com base nesses mesmos ideais:

Pensar, sentir, julgar no âmbito de tal configuração é funcionar com a sensação de que alguma ação ou modo de vida ou modo de sentir é incomparavelmente superior aos outros que estão mais imediatamente ao nosso alcance. Estou usando “superior” aqui em sentido genérico. O sentido daquilo em que consiste a diferença pode assumir diferentes formas. Uma forma de vida pode ser vista como mais plena, outra maneira de sentir e de agir pode ser julgada mais pura, um modo de sentir ou viver como mais profundo, um estilo de vida como mais digno de admiração, uma dada exigência como sendo uma afirmação absoluta em oposição a outras meramente relativas etc. (TAYLOR, 2005, p. 35).

Desejamos explicitar na presente seção o que devemos entender por autenticidade, como ela pode ser compreendida como uma crítica às teorias e noções filosóficas tradicionais em ética, e por que faz sentido falar de uma *ética da autenticidade* no período em que vivemos. Dentro desse contexto, a autenticidade pode ser compreendida, ao mesmo tempo, como uma crítica às teorias e noções filosóficas tradicionais em ética e, por isso, também uma articulação ética em si mesma e receber o título de *ética da autenticidade*, por que, de acordo com Taylor:

A ética da autenticidade é algo relativamente novo e peculiar à cultura moderna. Nascida no final do século XVIII, desenvolveu-se de formas anteriores do individualismo, como o individualismo da racionalidade desengajada, iniciada por Descartes, no qual a exigência é de que cada pessoa pense de maneira autorresponsável, por si mesma, ou o individualismo político de Locke, que pretendia tornar a pessoa e sua vontade anteriores às obrigações sociais. Mas a autenticidade também tem estado, sob alguns aspectos, em conflito com essas formas anteriores. É um produto do período romântico, que era crítico da racionalidade desengajada e de um atomismo que não reconhecia os laços da comunidade. (TAYLOR, 2011, p. 35).

Na passagem acima é possível identificar uma associação de algumas teorias e noções de filósofos do período moderno como Descartes e Locke com as primeiras articulações de uma teoria da identidade pessoal sobre a autenticidade. A intenção de Taylor ao indicar essa associação, parece sugerir que a autenticidade, o individualismo e a racionalidade desengajada têm uma origem comum ao menos no que toca à necessidade de um indivíduo de reconhecer sua própria identidade como sendo prioritária, distinta e emancipada da dos demais. Apesar disso, Taylor revela que a autenticidade está também em conflito com alguma dessas noções, tendo sido por esta razão adotada pelos românticos – mais especificamente, os representantes do Romantismo Alemão. Esse movimento valorizava os ideais de uma vida simples,

comunitária, dedicada às artes e à observação da natureza. Justamente o oposto dos valores perseguidos pelas sociedades industriais em expansão na época.

Segundo Taylor, a autenticidade teve na figura de Herder um de seus principais representantes e articuladores iniciais. Herder passa adiante a ideia de que “cada um de nós tem um jeito original de ser humano” (TAYLOR, 2011, p. 38), o que penetrou profundamente na consciência moderna. Taylor reitera que isso foi uma novidade para a época, uma vez que “antes do final do século XVIII ninguém pensava que as diferenças entre os seres humanos tinham esse tipo de significado moral” (TAYLOR, 2011, p. 38). Para Taylor, ainda, a autenticidade está fundada sobre a noção de que “há certo modo de ser humano que é o *meu* modo” (TAYLOR, 2011, p. 38), isto é, “sou convidado a viver deste modo, e não imitando o de outro alguém” (TAYLOR, 2011, p. 38). Ademais, “ser fiel a mim significa ser fiel a minha própria originalidade, e isso é uma coisa que só eu posso articular e descobrir” (TAYLOR, 2011, p. 39).

Neste sentido, o propósito original da doutrina da autenticidade “era combater uma visão de que saber o certo e o errado era uma questão de calcular as consequências, em particular aquelas relacionadas a recompensas ou castigos divinos” (TAYLOR, 2011, p. 35). Em outras palavras, um dos propósitos originais da ética da autenticidade e de seus principais articuladores, os românticos alemães, era criar uma oposição às principais noções e teorias éticas do final do século XVIII, como a teoria deontológica kantiana, e certos tipos de moralismos religiosos, especialmente os de origem cristã. Isso também significa dizer que uma das novidades proporcionadas pela ética da autenticidade é o fato de ela eliminar a necessidade de um Deus ou de a Ideia de Bem para que venha a funcionar. Em suma, a ética da autenticidade permite que a fonte do nosso agir passe a localizar-se dentro de cada um de nós e seja expressa, além disso, em nossas ações, gostos pessoais, ideias, autodescobrimento, etc. Ela pode ser considerada, portanto, como já deve ter ficado claro até este ponto, uma abordagem ética que leva em consideração a narrativa de vida de um indivíduo como núcleo de sua ação moral.

As tecnologias de aprimoramento

As chamadas tecnologias de aprimoramento (TA) são tecnologias cujos efeitos ou procedimentos visam ao aprimoramento físico ou intelectual da espécie humana.

Podem ser consideradas *TA* medicamentos como a *Ritalina*, o *Prozac* e o *Viagra*, os anabolizantes e, mesmo, a manipulação genética, os procedimentos cirúrgicos, os tratamentos psiquiátricos, as roupas, os produtos de beleza, a escrita alfabética e os aparatos eletrônicos que utilizamos no nosso cotidiano. Todavia, ao abordarmos as consequências decorrentes da utilização dos aprimoramentos no contexto da época em que nos encontramos, evocamos nada mais do que as tecnologias desenvolvidas para atender as demandas de uma sociedade cada vez mais complexa – as chamadas tecnologias emergentes (TE) – como a nanotecnologia, a biotecnologia, a robótica e a cibernética.

Essas tecnologias possuem o potencial de melhorar significativamente nossas vidas, conduzindo-nos, talvez, a *transcender* pela primeira vez as limitações a nós impostas pela natureza. A eliminação das doenças e das deformidades físicas decorrentes de eventuais acidentes de trabalho aos quais estamos diariamente sujeitos e o aumento de nossas faculdades físicas e cognitivas, por exemplo, já não é mais algo que possa ser considerado mera ficção diante do potencial dessas tecnologias. Segundo Fritz Allhoff et al., no artigo intitulado *Ethics of Human Enhancement: An Executive Summary*, no entanto, as tecnologias emergentes (TE) possuem o potencial de promover algumas perturbações sociais inconvenientes:

Alguns cenários que podem causar perturbações sociais incluem: um candidato com um implante neural que permite uma melhor retenção de dados e um processamento mais rápido de informações que consistentemente permite que esse ganhe dos candidatos não-aprimorados; uma pessoa com uma audição ou visão super-humana que poderia contornar as proteções e as expectativas de privacidade existentes facilmente e de maneira não detectável escutando ou espionando os outros, mais alunos (e professores) usando *Ritalina* e, com isso, conseguindo admissão ou recomendação para as melhores universidades, e assim por diante. (ALLHOFF et al., 2011, p. 207)^{4*}.

Isso tudo depende, é claro, da possibilidade dessas tecnologias serem conduzidas de maneira *irresponsável*, dos pontos de vista político e moral, o que pode eventualmente acabar acontecendo, caso sejam controladas e distribuídas por indivíduos ou instituições com objetivos egoístas ou despreocupados com os interesses e liberdades individuais das pessoas.

4 *A tradução de todas as passagens introduzidas neste texto cujas obras mencionadas foram redigidas originalmente em inglês é de autoria própria.

Atento aos eventuais problemas que as *TA* podem acabar gerando, quando mal conduzidas, o filósofo e bioeticista australiano Julian Savulescu em *Justice, Fairness, and Enhancement* afirma, entre outras coisas, que o aprimoramento humano geralmente está erroneamente vinculado a conceitos como injustiça e desigualdade; isto é, as críticas lançadas às *TA* geralmente pressupõem que elas serão necessariamente mal aplicadas e poderão, portanto, favorecer grupos específicos de pessoas, sobretudo em decorrência de fatores de ordem socioeconômica e cultural. Essa concepção supostamente errônea que se tem das *TA* estaria, segundo Savulescu, necessariamente ligada à ideia de que as pessoas ricas, porque dispõem de maiores recursos, teriam acesso privilegiado a certos medicamentos, cirurgias, e poderiam até mesmo selecionar as características mais desejáveis para seus descendentes através de manipulação genética – caso isso se torne possível algum dia – ao passo que as pessoas com menores recursos econômicos não teriam condições de arcar com os gastos decorrentes de um possível aprimoramento de suas aptidões físicas e ou intelectuais.

Visando esboçar critérios para a defesa da utilização das *TA*, Savulescu apresenta casos concretos nos quais elas podem ser aplicadas para melhorar a vida das pessoas, buscando, desse modo, exemplificar a fraqueza e a falta de fundamento dos argumentos geralmente concebidos para condenar sua utilização, ao mesmo tempo em que apresenta uma concepção pessoal das razões pelas quais acredita que essas tecnologias deveriam ser utilizadas com o intuito de reduzir as desigualdades e injustiças entre as pessoas. Além disso, ele afirma que certas desigualdades e injustiças são promovidas e estimuladas a partir de argumentos que, muitas vezes, estão na base das concepções contrárias às *TA*, como na assunção de que há uma natureza humana inviolável e que é justo que, em decorrência dessa mesma natureza, existam pessoas mais e ou menos aptas a realizar certas atividades.

Apenas para ilustrar um desses casos, a maioria dos esportes supervaloriza as aptidões físicas de seus competidores, sem com isso levar em consideração que ser mais forte ou mais rápido do que um determinado oponente está relacionado aos genes que constituem a informação genética recebida aleatoriamente por cada um dos desportistas envolvidos em uma atividade específica. Mesmo que se admita existir este tipo de desigualdade nos esportes, a utilização das *TA* geralmente é proibida ou desencorajada nas competições desportivas. Em outras palavras, aceita-se que existam desigualdades

determinísticas (biológicas) entre os competidores, mas o uso de tecnologias para aumentar o seu rendimento e reduzir a desigualdade decorrente de suas aptidões físicas naturais é desencorajada, ou mesmo proibida.

Os critérios utilizados para discriminar a utilização das *TA* em outras atividades além daquelas de natureza desportiva, conforme Savulescu, carecem igualmente de bons argumentos de sustentação. Se todos dispusessem dos meios para melhor adequarem-se às demandas da sociedade, as diferenças entre os mais e os menos favorecidos seriam atenuadas. Claro, é importante salientar que o argumento de Savulescu para defender as *TA* é claramente bem-estarista, uma vez que parte do pressuposto de que o aprimoramento humano pode melhorar a condição de vida das pessoas, reduzindo seu sofrimento decorrente de condições naturais indesejadas e aumentando suas chances de serem bem-sucedidas. Para ele, o aprimoramento da performance não é contra o espírito do esporte, assim como o aprimoramento humano não viola as regras do jogo da vida. Os desportistas geralmente buscam aprimorar sua performance através do treino intensivo, ao passo que as pessoas “normais” estudam e especializam-se em tarefas específicas. Ser humano, segundo Savulescu, é perseguir uma boa vida, mas a vida, obviamente, é diferente do esporte em pelo menos um sentido:

Ela não é uma competição ou uma corrida para ver quem chega primeiro. O ponto da vida, ou do espírito da vida, é ter uma boa vida. O prêmio do jogo da vida é o bem-estar, que é um complexo resultado de cooperação, desenvolvimento pessoal e competição. Em uma teoria bem-estarista do aprimoramento, os aprimoramentos aumentam as chances de se ter uma boa vida e, portanto, encarnam o espírito da vida. O aprimoramento humano não é a mesma coisa que 'trapacear'. (SAVULESCU, 2006, p. 331).

Em suma, todos perseguimos uma boa vida, e o aprimoramento humano deve auxiliar na conquista da mesma. Não há dúvidas de que a utilização de um braço ou de uma perna mecânica pode ajudar aquelas pessoas que, por algum motivo, nasceram sem um membro ou sofreram algum acidente, para que possam ter uma vida normal e sem sofrimento. Do mesmo modo, a utilização de certos medicamentos pode tornar-nos mais concentrados ou eficientes em atividades que demandam alta aptidão ou concentração mental. A modificação genética, por sua vez, poderá eliminar a maioria das doenças hereditárias que assolam a humanidade. Buscar meios de vencer a loteria genética não é a mesma coisa que trapacear em um jogo. Questões muito mais importantes devem ser levadas em consideração nesse tipo de situação, como, por exemplo, o futuro da espécie humana e seu próprio bem-estar. Cabe a cada um de nós escolher o que consideramos

melhor para nossas próprias vidas e as de nossos descendentes. As TA podem efetivamente proporcionar um ponto de partida igualitário para que todos possam iniciar as suas vidas. O sucesso das pessoas, crê Savulescu, não seria mais tão determinado biologicamente se admitíssemos uma maior utilização de TA em nossas vidas. Ele dependeria muito mais do empenho e da dedicação de cada um em lidar com as oportunidades que lhes surgissem⁵.

As tecnologias de aprimoramento e o *self* moderno

No artigo intitulado *Enhancement Technologies and the Modern Self*, publicado pelo *Journal of Medicine and Philosophy* da Universidade de Oxford, Carl Elliott analisa o impacto causado pelas TA na sociedade contemporânea. Sua análise encontra suporte teórico nas ideias preconizadas por Taylor no ensaio *A Ética da Autenticidade*, de modo a tornar possível uma dissertação acerca do problema do reconhecimento social do indivíduo inserido na sociedade e sua relação com uma ética da autenticidade enquanto ferramenta de libertação daquilo que vem a ser identificado como razão instrumental. De acordo com Elliott:

Muitas pessoas sentem-se desconfortáveis em relação ao apoio desqualificado às tecnologias de aprimoramento, mesmo que tenham dificuldades em apontar justamente o porquê. Esse mal-estar tem, muitas vezes, menos a ver com as próprias tecnologias do que com os desejos e aspirações que elas expressam. O que eu quero sugerir aqui é que podemos diagnosticar a origem desse mal-estar olhando para três assuntos que surgem nos escritos de Taylor acerca da construção do eu moderno: a importância do reconhecimento social, a ética da autenticidade, e a ascensão da razão instrumental (ELLIOTT, 2011, p. 365-366).

5 Notabilizam-se como defensores dessas tecnologias pensadores como Russell Blackford, David DeGrazia, Guy Kahane, Neil Levy, Julian Savulescu, entre outros. Alguns dos argumentos defendidos por esses autores são apresentados ao longo deste trabalho. Em oposição a esses pensadores, podemos identificar autores como Francis Fukuyama, Jürgen Habermas, Michael Sandel, Martha Nussbaum, entre outros. Apenas para ilustrar um exemplo de crítica, no ensaio denominado *Our Posthuman Future*, Fukuyama afirma, entre outras coisas: “A igualdade política consagrada na Declaração da Independência depende do fato empírico da igualdade natural humana. Nós variamos bastante nas diferentes culturas e enquanto indivíduos, mas dividimos uma humanidade comum que permite que cada ser humano possa potencialmente se comunicar e entrar em uma relação moral com todos os outros seres humanos do planeta. A maior questão criada pela biotecnologia é o que irá acontecer com os direitos políticos humanos, uma vez que estamos, com efeito, gerando algumas pessoas com selas em suas costas e outras com botas e esporas?” (FUKUYAMA, 2002, p. 9-10). Cf. FUKUYAMA, Francis. *Our Posthuman Future: Consequences of the Biotechnology Revolution*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2002.

O uso indiscriminado de tecnologias de aprimoramento estaria, segundo Elliott, diretamente relacionado ao papel que a razão instrumental tem desempenhado na sociedade contemporânea. De acordo com Elliott, a razão instrumental é o principal fator causador da procura indevida por certos procedimentos cirúrgicos, sobretudo cirurgias estéticas na maioria das vezes desnecessárias, como as lipoaspirações. Os medicamentos de alto rendimento, especialmente aqueles procurados pelos estudantes para tornar seus estudos mais eficientes, figuram no mesmo patamar dos procedimentos cirúrgicos. O problema, enfatiza Elliott, não são as cirurgias estéticas ou medicamentos em si, mas os motivos pelos quais são procurados: o uso indiscriminado e indevido dessas tecnologias acaba promovendo a ideia de que existe um padrão mais ou menos desejável do que é ser humano, de tal maneira que as pessoas se sentem incumbidas a adequarem-se a esse mesmo padrão, caso desejem ser aceitas pela sociedade. É importante frisar que ter pele branca, seios grandes ou alto rendimento escolar não torna uma pessoa melhor ou mais feliz; entretanto, são esses os padrões supostamente desejáveis em nossa sociedade. Para Elliott, a crença de que, para nos sentirmos realizados, é necessário atender a um padrão preestabelecido está, nesse sentido, equivocada.

Além disso, segundo Elliott, essa crença constitui uma verdadeira afronta à dignidade e à diversidade da vida humana. Somos tantos, e nossas diferenças são tão grandes, que é difícil imaginar a existência de um padrão que possa ser considerado objetivamente melhor ou mais desejável. Todos temos limitações naturais, mas são justamente essas limitações que nos tornam humanos. Aceitar essas diferenças e limitações é a melhor maneira de se construir um mundo livre de preconceitos. O paradigma dominante na sociedade contemporânea parece conduzir-nos a um beco sem saída, um ponto no qual não mais será possível distinguir entre o que é bom para nós enquanto indivíduos e o que gera os melhores resultados, isto é, deixamos de ter autonomia para passarmos a ser meras ferramentas cuja eficiência ou grau de desejabilidade é determinado por um padrão praticamente impossível de ser atingido:

Grande parte da justificação moral para a prescrição de drogas de aprimoramento vem do desejo de se resolver este tipo de vergonha. Muitas das tecnologias de aprimoramento não são meros aprimoramentos, da mesma categoria moral dos cosméticos; elas são formas de se reparar ou prevenir o dano do estigma social. Então, hoje, os médicos dão hormônios de crescimento para pessoas de baixa estatura para resolver o estigma de ser baixo, realizam cirurgias de pálpebra em asiático americanos para resolver o estigma de se ter “olhos

asiáticos”, e dão *Propecia* e *Rogaine* para homens de meia-idade para corrigir o estigma da calvície prematura. Assim que assumimos a ideia de que um fim legítimo da medicina é neutralizar os efeitos dos estigmas sociais, a gama de condições tratáveis justificadamente expande-se enormemente. (ELLIOTT, 2011, p. 367).

Conforme Elliott, é por causa desse problema que uma ética da autenticidade se faz tão necessária na atualidade. Uma vez que ela promove a ideia de que, para uma vida fazer sentido, é preciso resgatar nossa própria originalidade, algo que somente nós podemos articular e descobrir, restabelece-se o sentimento de que cada um de nós é importante para a sociedade, independentemente de atendermos ou não a um padrão de excelência preestabelecido. Ser magro, gordo, branco, amarelo ou pertencer a uma determinada classe social deixa de ter tanta importância na hora de se executar uma função. Todos são considerados importantes, e suas diferenças ou possíveis limitações ajudam a pluralizar a sociedade. De acordo com Taylor:

As coisas assumem importância em contraste com as circunstâncias de inteligibilidade. Chamemos isso de horizonte. Portanto, uma das coisas que não podemos fazer, se vamos definir nós mesmos significativamente, é suprimir ou negar os horizontes contra os quais as coisas adquirem significado para nós. Este é o tipo de movimento autodestrutivo que não raro é realizado em nossa civilização subjetivista. Ao enfatizar a legitimidade da escolha entre determinadas opções, com frequência nos vemos privando as opções de seus significados. Por exemplo, há certo discurso da justificação de orientações sexuais fora do padrão. As pessoas querem argumentar que a monogamia heterossexual não é a única maneira de alcançar a realização sexual, que aqueles que estão inclinados a relações homossexuais, por exemplo, não deveriam se sentir embarcados em um caminho menor, menos válido. Isso se encaixa bem no entendimento moderno de autenticidade, com sua ideia de diferença, originalidade, da aceitação da diversidade. (TAYLOR, 2011, p. 46-47).

Elliott afirma, ainda, que a razão instrumental, em conjunto com as técnicas desenvolvidas pelas ciências, tem se mostrado bastante eficiente para tornar nosso cotidiano mais agradável e aparentemente menos complicado. Ela contribuiu com uma série de melhorias significativas nas áreas da medicina, agricultura e comunicações de um tal modo, que, hoje, somos incapazes de imaginar um mundo no qual essas melhorias não tenham sido introduzidas. Ao que tudo indica, esses avanços supostamente melhoram a qualidade de vida das pessoas em geral. Segundo Elliott:

Qualquer argumento contra as tecnologias de aprimoramento deve começar por reconhecer seu apelo. E esse apelo não é simplesmente um impulso de sucesso, ou de vitória, ou de se competir de forma mais eficaz na escola ou no mercado, embora todas essas sejam importantes. O apelo de muitas tecnologias de aprimoramento vem de um simples desejo de se viver um pouco melhor, de se sentir um pouco mais confortável, e de se evitar constrangimento ou humilhação social. E, por vezes, é claro, o custo de um pouco de autoaprimoramento médico é mínimo. Poucos de nós vamos invejar a prescrição de uma

pomada para acne de um adolescente constrangido, mesmo que a condição tratada não chegue a se qualificar como uma condição médica séria. (ELLIOTT, 2011, p. 373).

Em suma, nunca antes nos sentimos tão sufocados pelos avanços científicos na história da humanidade. Acabamos por nos tornar meros instrumentos – objetos passíveis de modificações, de acordo com uma determinada demanda. É exatamente nesse sentido que a ética da autenticidade fornece uma possível solução a alguns dos principais dilemas enfrentados pela sociedade contemporânea, isto é, resgatando o sentido da vida daquelas pessoas que, em algum momento, perderam contato com seu *eu* interior, e demonstrando que a autorrealização é possível até mesmo na execução de atividades corriqueiras, desde que essas estejam em perfeita consonância com o pleno desenvolvimento de nossos talentos natos.

A busca moderna pela autenticidade e as tecnologias de aprimoramento

Consideremos a *Fluoxetina* (também conhecida como *Prozac*), um psicofármaco frequentemente receitado para indivíduos com quadros de depressão e ansiedade em todo o mundo. Tal medicamento foi desenvolvido com o objetivo de 'regular' os níveis de serotonina em nosso organismo. Os níveis de serotonina, bem como de outros hormônios presentes no organismo de um ser humano normal, estão relacionados com os estados emocionais que esse pode vir a apresentar.

Me sentirei deprimido, digamos, se os níveis de serotonina de meu organismo estiverem baixos. Se eles estiverem altos, em contrapartida, provavelmente experimentarei um estado de euforia. A *Fluoxetina*, portanto, pode ser considerada uma *TA*, ou melhor, uma *TA* emergente, pois, além de alterar nosso humor, foi desenvolvida e descoberta graças aos avanços tecnológicos alcançados sobretudo na área da biomedicina; diferentemente das *TA* convencionais, como os estimulantes tradicionais (o café, por exemplo).

Todavia, apesar dos efeitos benéficos que os psicofármacos como o *Prozac* aparentemente proporcionam às pessoas, medicamentos para o tratamento da depressão ou da ansiedade frequentemente são alvos de diversas críticas, ou o são, pelo menos, as razões que nos levam a buscá-los e que são utilizadas em sua defesa. Nesse sentido,

pensadores de diversas áreas de pesquisa e, especialmente, os bioeticistas, têm dedicado parte de seus esforços em tentar legitimar ou deslegitimar *TA* emergentes:

Em um conjunto altamente perspicaz de reflexões sobre o Prozac, Carl Elliott faz a afirmação provocativa de que mudar de personalidade deliberadamente através do uso de Prozac é inautêntico, pois resulta em uma personalidade e uma vida que não são realmente próprias de um indivíduo. Assim, ele afirma que “seria preocupante se o Prozac alterasse minha personalidade, mesmo que isso me desse uma personalidade melhor, simplesmente por que essa não é minha personalidade”, e ele pergunta: “O que poderia parecer menos autêntico, pelo menos superficialmente, do que mudar sua personalidade com um antidepressivo?” (DeGRAZIA, 2000, p. 35).

A tentativa de Elliott de deslegitimar as *TA* emergentes argumentando que elas reduzem as chances (ou entram em conflito com a possibilidade) de um indivíduo viver uma vida autêntica é fundamentada em uma teoria da identidade pessoal, de apelo narrativo, atrelada à ideia de autenticidade herdada do ensaio *A Ética da Autenticidade*, do filósofo canadense Charles Taylor. A autenticidade é importante para Elliott, pois, de acordo com ele, a máxima de Taylor “se não sou eu, perco o propósito da minha vida, perco o que é ser humano para *min*”, caso não se viva autenticamente, é bastante plausível. Porém isso explica apenas parcialmente a razão pela qual ela é considerada incompatível com as *TA* emergentes.

Segundo Elliott, a partir do momento em que um indivíduo busca, digamos, reduzir sua depressão tomando algumas pílulas de *Prozac*, ele também abre mão de sua autenticidade buscando resolver seu problema através de algo externo a ele mesmo. É importante mencionar ainda que, de acordo com Neil Levy em *Enhancing Authenticity*, a autenticidade é compreendida por Elliott e por Taylor basicamente como um mecanismo de 'autodescoberta' (*self-discovery*). Defensores da 'autodescoberta' como necessária à busca pela autenticidade, costumam argumentar que essa última só é possível se um agente olhar às pessoas em sua volta em busca da compreensão do que significa ser ele mesmo. A característica comum da vida humana, nesse caso, é seu caráter dialógico. Conforme Taylor:

A característica comum da vida humana que quero evocar é o seu caráter fundamentalmente *dialógico*. Tornamo-nos agentes humanos completos, capazes de entender nós mesmos e, portanto, definir uma identidade através de nossa aquisição de linguagens humanas ricas de expressão. Para os propósitos dessa discussão, quero tomar “linguagem” em um sentido amplo, cobrindo não apenas as palavras que pronunciamos, mas também outros modos de expressão pelos quais definimos nós mesmos, inclusive as “linguagens” da arte, dos gestos, do amor e similares. Mas somos introduzidos nestas

últimas pela troca com os outros. Ninguém adquire as linguagens necessárias para autodefinição por si mesmo. (TAYLOR, 2011, p. 42).

Por outro lado, existem os defensores da autenticidade enquanto 'auto-criação' (*self-creation*)⁶. Esses, segundo Levy, não têm qualquer problema em afirmar que os aprimoramentos possam ser considerados meios legítimos para um agente buscar expressar sua autenticidade. Sua visão do que pode ser considerado autêntico é, portanto, dinâmica, e pressupõe modificações radicais da vida, caso essas sejam necessárias para que se entre em contato com aquilo que constitui verdadeiramente a própria identidade. Apesar de tudo, a noção de autenticidade como algo compatível com as *TA* emergentes fundamentada na ideia de 'autodescoberta' continua a ser considerada ilegítima para autores como Elliott. A utilização do *Prozac*, de acordo com Levy, conduziria, para tais, em situações em que o caráter fundamentalmente dialógico da vida não seria respeitado e, portanto, os seus usuários não poderiam ser considerados legitimamente 'autênticos'. No entanto, Levy acredita que os pontos de vista da autenticidade enquanto 'autodescoberta' e 'autocriação' são compatíveis entre si:

Os defensores do ponto de vista da autodescoberta de autenticidade têm afirmado que temos fortes razões para não usar vários aprimoramentos, por que ao usá-los, colocamos em risco nossa autenticidade. A concepção de autenticidade em que esse argumento se baseia é contestável, mas é difícil conceber como resolver a disputa entre ele e seu rival, o ponto de vista da autocriação. No entanto, para fins de apreciação da autenticidade dos aprimoramentos, nós não precisamos resolver a disputa: para qualquer um dos pontos de vista, o uso de aprimoramentos é aceitável. Os aprimoramentos podem ser um meio para a autenticidade, não importa como a autenticidade seja compreendida. (LEVY, 2011, p. 316-317).

Buscando sustentar seu argumento, Levy menciona as situações em que as pessoas modificam seus corpos, alterando, digamos, sua identidade sexual, como um exemplo de como a autenticidade pode ser entendida, ao mesmo tempo, como um mecanismo de 'autodescoberta' e 'autocriação'. Tais pessoas geralmente justificam tal ação com base na ideia de que elas precisam ser elas mesmas através da manifestação de corpos com os quais se sintam mais confortáveis de revelar à sociedade. Para manifestarem tais corpos, elas precisam recriá-los, e aqui entra em jogo a 'autocriação'.

6 Cf. Sartre (2007). Ao que tudo indica, em *O ser e o nada*, Sartre defende uma espécie de teoria da autenticidade fundamentada, ao contrário de Taylor, em uma ideia de 'auto-criação'. Um adepto dessa ideia, de acordo com Levy, irá assumir que as pessoas são livres para fazer o que bem entenderem de suas vidas, e mesmo assim levarem vidas autênticas. Cf. SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 15 ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes 2007.

Todavia, essa busca por corpos diferentes daqueles que elas já têm, se dá a partir do contato com pessoas que elas consideram esteticamente apazíveis, como, nesse caso, pessoas que nasceram ou detêm uma identidade sexual distinta de sua própria ('autodescoberta').

O que significa ser uma pessoa autêntica, afinal? A resposta para essa reflexão pode variar de acordo com o modo como iremos encarar a autenticidade. Se a encaramos como autocriação, poderemos considerar-nos pessoas autênticas independentemente do que venhamos a fazer com nossos corpos ou vidas. Em contrapartida, se a encaramos como autodescoberta, então seremos pessoas autênticas toda vez que olharmos para dentro de nós mesmos e procurarmos descobrir o que significa ser o que somos e quais são nossas verdadeiras aspirações.

É prudente ignorar as teorias normativas tradicionais na abordagem de problemas em bioética?

A descrição de problemas éticos consiste na elucidação daquilo que um indivíduo considera relevante problematizar. No entanto, um indivíduo não precisa ser considerado um especialista na área para ser capaz de realizar contribuições significativas ao seu desenvolvimento. Tampouco um indivíduo precisa, ser capaz de expressar o seu ponto de vista em relação àquilo que pode ser considerado um problema ético através da produção de textos. Essa tarefa é relegada sobretudo aos especialistas em ética espalhados pelos departamentos de filosofia mundo afora.

Não é nenhuma novidade que os especialistas contribuem significativamente à tarefa de descrever e elucidar problemas éticos do dia a dia. Afinal, é com base nas análises filosoficamente bem fundamentadas de problemas éticos fornecidas pelos seus textos que se costuma apoiar nossa tomada de decisões, certo? Errado! De acordo com Elliott, no capítulo intitulado *A General Antitheory of Bioethics* (p. 141-164), de *A Philosophical Disease*, todos podem ser considerados agentes ativos na elaboração de soluções para os problemas éticos do dia a dia. Entre outras coisas, isso implica em reconhecer que, no geral, para suas tomadas de decisão, as pessoas não costumam recorrer a teorias elaboradas por especialistas em ética.

No final das contas, todo indivíduo é um agente ativo no desenvolvimento da ética, pois são seus hábitos que ajudam a moldar os conceitos circundantes àquilo que

será considerado certo ou errado (isto é, seus valores). Soma-se a isso o fato de que os hábitos das pessoas não são estáticos ou imutáveis, mas, que eles mudam aos poucos ao longo do tempo. Os valores compartilhados por indivíduos provenientes de diferentes panos de fundo culturais, comunitários ou religiosos, podem variar bastante. Nas palavras de Elliott:

Um dos aspectos mais alarmantes de se descrever um problema ético e de ouvi-lo sendo descrito por outros é descobrir de quantas maneiras isso pode ser feito. Como um problema moral é descrito transformar-se-á em um conjunto de variáveis: o papel e o envolvimento no caso da pessoa que o está descrevendo, com sua profissão ou estilo de vida em particular, com sua herança religiosa e cultural – na verdade, com todos os elementos imensuráveis que contribuíram para sua pessoa. Além disso, a descrição que qualquer pessoa oferecerá irá também variar – notoriamente – dependendo de uma decisão ética ter sido feita, ou se o será ainda, com base no fato de que a decisão agora é considerada feliz ou infeliz, e de que as consequências que resultaram foram pretendidas ou imprevistas. (ELLIOTT, 1999, p. 143).

Outrossim, se realmente for o caso de que as pessoas não costumam guiar suas vidas com base em teorias éticas para conduzir seu dia a dia, por que alguns especialistas em ética ainda insistem em criar, revisar, criticar, resgatar e defender suas teorias? Seriam eles tão ingênuos ao ponto de não enxergarem que as pessoas simplesmente ignoram seu trabalho? Ou será que eles continuam com seu trabalho por que são, na realidade, mais espertos do que aparentam ser? De acordo com Elliott, as teorias normativas em ética têm suas funções, apesar de geralmente não causarem muitos impactos diretos na vida das pessoas. Basicamente, elas são importantes por que geralmente são imparciais e estão fundamentadas em princípios racionais. Desse modo, por exemplo, elas podem perfeitamente ser empregadas pelos Estados multiculturais em seus sistemas jurídico-legais.

Pode-se dizer ainda, que por elas não estarem fundamentadas em sistemas de valores compartilhados por comunidades restritas a uma certa região de um país específico mas, em vez disso, partirem de máximas universais para fundamentar seus próprios princípios, elas podem ser aplicadas com certa facilidade em situações de conflitos entre diferentes pontos de vista. Independentemente do caso, elas podem ser apropriadas por pessoas que acreditam que elas são melhores ou mais eficientes para guiar suas vidas. Em sociedades seculares, por exemplo, é relativamente comum encontrar pessoas que estão dispostas a guiar suas vidas de acordo com as máximas das

principais teorias éticas normativas, como a deontologia kantiana e o consequencialismo utilitarista.

Apesar de tudo, deve-se evitar o erro de pressupor que as soluções para problemas éticos possam ser reduzidas a apenas um único ponto de vista ou descrição da realidade. Mesmo que se acredite muito na capacidade de uma teoria ou conjunto de valores em apresentar soluções para problemas éticos do dia a dia, não se deve ignorar que existem outras teorias ou soluções possíveis para um mesmo problema. Acima de tudo, nessas situações, é importante lembrar que o que vai determinar a preferência de um indivíduo em escolher uma solução, em vez de outra, para um mesmo problema ético, são os elementos da cultura, comunidade, religião, entre outras coisas, e do lugar ou período histórico do qual faz parte. Aliás, é justamente por isso que indivíduos pertencentes a grupos minoritários em sociedades multiculturais costumam sentir-se lesados com as abstrações das teorias éticas normativas que lhes são frequentemente impostas pelas autoridades. Esses indivíduos não estão interessados em saber que essas teorias oferecem as melhores soluções, do ponto de vista racional. O fato é que eles simplesmente não se identificam com suas premissas. Em outras palavras, como afirma Elliott, essas teorias não fazem parte de seus conjuntos de valores:

Para aqueles que ganham a vida falando e escrevendo sobre ética, muitas vezes é fácil esquecer que a ética nunca veio em sabores de deontologia e consequencialismo; os princípios de justiça, autonomia e utilidade não são propriedades intrínsecas de problemas éticos. Quando falamos de princípios éticos – ou, mais elegantemente, de uma ética comunitária ou narrativa – o fazemos por que consideramos essas formas úteis de pensar sobre a ética; como um sistema conceitual autônomo através do qual podemos impor algum tipo de ordem sobre os problemas éticos. Mas, na realidade, as éticas não se distanciam. Fazem parte da sociedade, e estão interligadas umas às outras. Os conceitos éticos estão vinculados aos costumes, às tradições, às instituições de uma sociedade – todos os conceitos que estruturam e constituem as maneiras com que um membro dessa sociedade lida com o mundo. Quando esquecemos disso, corremos o risco de substituir o mundo da experiência moral genuína pelo mundo da ficção moral, uma criação simplificada e hipotética, adaptada menos às dificuldades práticas do que para conveniências intelectuais. (ELLIOTT, 1999, p. 146-147).

Um exemplo disso é o fato de algumas mulheres islamitas preferirem utilizar a burca até mesmo em países seculares ocidentais, onde o uso desse objeto não faz parte dos costumes ou imposições jurídico-legais locais. A propósito, a prática do uso da burca em países seculares ocidentais pode ser encarado como um símbolo de atraso religioso e também como uma forma de opressão dos homens sobre as mulheres. Por outro lado, é provável que as mulheres islamitas vejam o uso da burca não como um

símbolo de atraso ou opressão, mas, em vez disso, como uma forma de manifestação de sua fé e obediência à lei moral do Islã.

Choques valorativos entre indivíduos provenientes de diferentes contextos ou realidades, aliás, são inevitáveis. Não há um consenso entre as pessoas sobre qual é o melhor estilo de vida para se levar. E provavelmente jamais haverá. Relembrando, os valores compartilhados por indivíduos provenientes de diferentes contextos ou realidades não são estáticos, e estão em constante transformação. É possível que haja choques até mesmo entre indivíduos provenientes de uma mesma comunidade (p. ex: entre indivíduos de diferentes gerações). Em consequência disso, é relativamente seguro afirmar que o 'desentendimento moral' [*moral disagreement*] sempre existirá, contanto que existam pessoas para discordar entre si. Uma maneira de se lidar com isso, Elliott parece sugerir, está no reconhecimento da diversidade existente entre diferentes estilos de vida:

O desacordo moral estará conosco enquanto houver discordância sobre qual modo de vida é melhor para os seres humanos. Não é de todo óbvio que esta seja uma questão com direito à resposta, mesmo em princípio. Pode não haver a melhor vida, apenas vidas melhores e piores. E se a moralidade está ligada a uma forma de vida, então é um erro pensar que podemos eliminar as diferenças morais, sem eliminar as diferenças culturais, e nos indivíduos, aquilo a que a moralidade está unida. Embora as características biológicas que os seres humanos compartilham possa significar que algumas vidas, e algumas características da vida, sejam necessariamente boas ou ruins para os seres humanos, não há nenhuma razão convincente, universalmente aplicável, que permita adotar qualquer outra forma particular de vida, em relação a todas as demais – mesmo que tivéssemos escolha, e nós não temos. Por essa razão, devemos esperar diversidade no tipo de vida que as pessoas levam, bem como diferenças morais que inevitavelmente se seguem. (ELLIOTT, 1999, p. 164).

Extrapolando essa interpretação, se cada indivíduo for capaz de reconhecer que existem outras maneiras legítimas e éticas de se levar uma vida, então a expectativa de que as pessoas possam viver em paz é, no mínimo, tangível. E eis aí, talvez, a principal contribuição de Elliott à bioética: a convivência entre indivíduos provenientes de diferentes realidades não precisa estar assegurada por teorias éticas normativas abstratas e arbitrárias. Se por um lado elas podem ser consideradas bem-sucedidas graças, entre outras coisas, a seu alcance, universalidade e poder de persuasão racional, por outro lado, elas não parecem ajudar as pessoas a tornar-se mais tolerantes umas com as outras. Uma teoria deontológica ou consequencialista pode compelir um indivíduo a agir pontualmente em diversas circunstâncias, mas ela não precisa estar necessariamente introjetada e compreendida para ser aplicada. O reconhecimento de que todos são

diferentes, e que possuem suas próprias peculiaridades, por outro lado, é uma atitude 'ética' que se pode tomar frente aos demais indivíduos que, por sua vez, não exige a introjeção ou compreensão de nenhuma máxima teórico normativa. E a bioética? Qual é seu lugar nesta história, afinal? A sugestão de Elliott, no último capítulo de seu livro, é que se rejeite o modo tradicional de se fazer bioética, propondo, no seu lugar, um estilo mais 'livre', e atento aos detalhes, de se lidar com a mesma. Sua maior aposta, como já deve ter ficado óbvio até este ponto, é na abordagem narrativa.

Considerações Finais

Retomando alguns pontos, na introdução deste trabalho buscamos indicar como uma abordagem narrativa da bioética pode ser entendida através da alusão à utilização de elementos estilísticos de escrita, típicos de obras literárias, na descrição da vida de uma pessoa. Salientamos a importância do emprego desses elementos, por acreditarmos que os especialistas em bioética geralmente os negligenciam em suas análises, tornando-as, portanto, inadequadas para lidar com algumas situações específicas. Devido ao fato, ainda, de esses especialistas priorizarem teorias éticas normativas para resolver problemas cotidianos, eles são muitas vezes forçados a ignorar aspectos importantes da vida de uma pessoa em nome de uma solução geral para seus problemas.

Em contrapartida, defendemos que uma abordagem narrativa vai buscar analisar cada caso separadamente e ver qual é a solução que melhor se aplica a um problema. Podemos considerar como narrativa, portanto, toda ou qualquer abordagem que se preocupa em encontrar soluções para problemas pessoais sem, com isso, ignorar o contexto no qual uma pessoa está inserida. Além disso, esse tipo de abordagem deve levar em consideração que para que uma narrativa de vida faça sentido, ela precisa ser contada como uma história com começo, meio e fim.

Argumentamos, mais adiante, que a ética da autenticidade como entendida por pensadores como Charles Taylor e Carl Elliott, representa um modelo ideal e original de abordagem narrativa para a bioética. Uma das principais virtudes dessa abordagem é entender que cada indivíduo está atrelado a um contexto muito mais amplo do que ele, isto é, cada indivíduo faz parte de um contexto ou cultura que vai determinar, de algum modo, o que é ou o que deve perseguir para ser considerado um membro de uma

sociedade. E entender isso, significa reconhecer que cada indivíduo possui uma história própria e também, em algum grau, uma narrativa de vida. Para a ética da autenticidade, essa narrativa envolve, como o nome já sugere, perseguir o ideal de uma vida autêntica.

Para a bioética isso pode significar uma série de coisas, mas nos preocupamos em apresentar aqui como as chamadas tecnologias de aprimoramento entram nesse contexto, e quais são as implicações de sua utilização para a busca pela autenticidade que todos supostamente fazemos. Essa escolha justifica-se principalmente por esse ser ainda um assunto pouco explorado pela filosofia em geral. E devemos lembrar: as *TA* representam tanto coisas boas quanto coisas ruins para todos nós. O problema é que no que toca às coisas ruins, todos corremos real risco de perdermos nossa humanidade, ou até mesmo de sermos extintos. Os exemplos de *TA* que apresentamos neste trabalho são um tanto menos problemáticos, mas eles certamente importam à temática envolvendo a autenticidade.

Referências

- ALLHOFF, Fritz; LIN, Patrick; STEINBERG, Jesse. Ethics of Human Enhancement: An Executive Summary. **Science and Engineering Ethics**, v. 17, p. 201-212, 2011.
- DeGRAZIA, David. Prozac, Enhancement, and Self-Creation. **Hastings Center Report**, v. 30, n. 2, p. 34-40, Mar.-Apr. 2000.
- ELLIOTT, Carl. **A Philosophical Disease: Bioethics, Culture, and Identity**. Nova Iorque: Routledge, 1999.
- _____. Enhancement Technologies and the Modern Self. **Journal of Medicine and Philosophy**, Oxford, v. 36, p. 364-374, 2011.
- FUKUYAMA, Francis. **Our Posthuman Future: Consequences of the Biotechnology Revolution**. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2002.
- GUIGNON, Charles. **On Being Authentic**. Nova Iorque: Routledge, 2004.
- LEVY, Neil. Enhancing Authenticity. **Journal of Applied Philosophy**, Oxford, v. 28, n. 3, p. 308-318, 2011.
- MacINTYRE, Alasdair. **After Virtue: A Study in Moral Theory**. 3 ed. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007.
- _____. **Whose Justice? Which Rationality?** Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1988.

- NUSSBAUM, Martha. **Love's Knowledge**: Essays on Philosophy and Literature. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- _____. **The Therapy of Desire**: Theory and Practice in Hellenistic Ethics. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 15 ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes 2007.
- SAVULESCU, Julian. Justice, Fairness, and Enhancement. **Annals New York Academy of Sciences**, Nova Iorque, v. 1093, p. 321-338, 2006.
- TAYLOR, Charles. **A Ética da Autenticidade**. Trad. Talyta Carvalho. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.
- _____. **As fontes do Self**: a construção da identidade moderna. 2 ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. **Modern Social Imaginaries**. Durham: Duke University Press, 2004.